

UMA DISCUSSÃO SOBRE O MAL NO *CÂNDIDO* DE VOLTAIRE

Rodrigo Oliveira Silva*

Resumo: O presente artigo visa apresentar através de um estudo da obra *Cândido ou o Otimismo*, o problema do mal como problema central nesta obra do filósofo iluminista Voltaire. Em seguida, indicaremos a retomada desta tese nos contos *O Ingênuo* e *Zadig ou O Destino*. O nosso intuito é apresentar uma conexão explicativa entre estes três no que diz respeito a temática sobre o mal como o resultado do processo de esclarecimento, almejado pela ideia iluminista.

Palavras-chave: Otimismo. Mal. Destino. Iluminismo.

80

1. INTRODUÇÃO

François-Marie Arouet nasceu em Paris a 21 de novembro de 1694. Pertencia a uma família burguesa, mas dessa burguesia que começava, à época, a subir na escala social, aspirava penetrar nas fileiras da aristocracia. Seu pai era tabelião e se tornou, no momento em que o jovem Arouet tinha sete anos, pagador de especiarias, recebedor na Câmara das Contas, com residência gratuita no Palácio. Sua mãe Marguerite Daumard – que Voltaire perdeu muito cedo e cuja falta aparece como ausência de uma certa afeição materna que adoça o caráter –, pertencia também à pequena nobreza judiciária, nobreza em verdade de data recente. *O Cândido*, esta obra-prima de Voltaire foi redigida, ao que parece, em três dias, em 1758, ainda sob a impressão do terremoto de Lisboa, a propósito do qual ele compusera em 1756 um poema em versos.

Voltaire fora, a princípio, otimista, mas à medida que passavam os anos, os acontecimentos punham em xeque o seu otimismo. Seu primeiro ataque dirige-se contra Pope e seu “Tudo está bem”. Em 1763 conhece

* Graduando em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (CEUCLAR) e pelo Instituto de Filosofia Nossa Senhora das Vitórias (IFNV). E-mail: rodrigopouw@outlook.com.

Wolf na Alemanha e, através dele, Leibniz. A partir de então sua crítica ao otimismo transfere-se de Pope para Leibniz. Contudo não se deve encarar o conto *Cândido* como um breviário do pessimismo. A conclusão do livro encerra a nova filosofia de Voltaire, ou seja, a convicção do melhorismo: tudo não está bem, mas pelo trabalho e a moralidade tudo estará melhor no futuro.

Vale ressaltar o potencial que um conto abrange ao introduzir-se na sociedade e realizar críticas dos mais diversos assuntos abordados em suas entrelinhas. Asseveramos esse fato, pois não somente *Cândido ou Otimismo*, mas outros contos do mesmo autor apresentam em alto grau o teor reflexivo exigido pela época e são portadores fiéis do pensamento de Voltaire. Em *O Ingênuo*, o autor lança um olhar específico ao homem natural; em *Zadig ou o Destino* o conto visa favorecer o acesso à verdade que atravessa seus capítulos de forma envolvente e atrativa aos olhos do leitor atento.

Para desenvolvermos nossa discussão acerca dos contos, e assim enriquecer nosso construto, utilizemos como ponto de partida tais questões: como se encontram estruturadas a obras? De que modo se deu a passagem do otimismo ao pessimismo segundo a narrativa? Qual atitude tomar frente a realidade composta de bem e mal?

81

2. ESTRUTURA DA OBRA

Os seus curtos capítulos apresentam, no seu conteúdo, uma sequência de fatos e situações que narram a trajetória principiada por Cândido em busca de sua amada Cunegundes, percurso que parte desde a sua expulsão do melhor dos mundos (Vestfália) e se consuma na costa da Propôntida ao resgatá-la. As companhias de nosso herói são as mais adversas possíveis e são elas que apontam os meios e os caminhos mais viáveis para que ele alcance o seu objetivo de reencontrar com sua paixão. Evidente, pois, que no período de sua viagem – marcada por dificuldades das mais variadas, tribulações e problemas que quase sempre deixavam a todos em perigo de morte –, são extraídos ensinamentos e lições que norteiam a vida desses amantes da filosofia e do conhecimento e que sobretudo nos faz perguntar sobre a existência do mal no mundo e põe em xeque o que nós temos ou concebemos por otimismo.

Muitas das vezes os conflitos narrados e vividos pelo personagem do conto *Cândido*, possuem, em suas conclusões, um caráter cômico e

trágico, dando a obra uma força de entretenimento enorme e desvelando aos poucos o dualismo experimentado pelo personagem-título: otimismo ou pessimismo? Diante de tantas desgraças e adversidades, vale a pena ser otimista? Tal questão é, em parte, o movimento necessário que permite ao personagem prosseguir em sua jornada e não se perder na busca de seu objetivo, apesar de todas as desventuras. Para compreendermos melhor o modelo de escrita dos contos voltairianos, podemos ler o texto de Franklin de Matos:

Candide retoma a fórmula narrativa já usada em *Micrômegas* e *Zadig*, que ainda se repetiria no *Ingênuo* e que Voltaire descobrira tanto nas *Cartas Persas* de Montesquieu quanto na própria experiência de exilado na Inglaterra. Ela se baseia na instantânea transplantação do protagonista, geralmente jovem e ingênuo, para uma realidade completamente estranha que, entretanto, deve ser assimilada a qualquer custo (MATOS, 2001, p. 215).

Em relação ao estilo literário adotado por Voltaire, marcado pelos capítulos breves de seus contos, podemos apontar para a forma velada de fazer permear a circulação de conclusões que somente através de tais contos conseguiria cumprir seu propósito de esclarecimento e acesso à razão até então impossibilitado por sistemas rígidos e impenetráveis de exacerbado controle exercido pelos poderes políticos e religiosos da sua época.

Retornando à narrativa de *O Cândido*, é importante destacar uma ideia daquele que no decorrer da história, encarna o otimismo e serve de modelo fiel para Cândido, o venerável preceptor Pangloss, ao revelar num diálogo que: “As coisas não podem ser de outra maneira: pois, como tudo foi feito para um fim, tudo está necessariamente destinado ao melhor fim” (VOLTAIRE, 2005, I, p. 230).

Esse pensamento expresso na obra é uma perceptível forma de incluir Leibniz no círculo de nossas discussões, sendo que o mesmo, foi alvo da crítica de Voltaire na sua época ao conceber um mundo isento de problemas e como o melhor dos mundos possíveis, isto baseando-se no pensamento religioso. No contexto da obra tal ideia é ensinada desde cedo a Cândido e é a movedora e fonte de esperança, quando se percebe desafiado pela vida a ir em busca do objeto de seu amor.

Para nos apropriarmos mais fielmente ao que é proposto como reflexão na obra, citamos o seguinte:

No *Candide*, o *otimismo* leibniziano encarna-se no preceptor Pangloss, que passa o tempo todo teimando em dizer que tudo está bem no melhor dos mundos possíveis. Para contestá-lo, Voltaire se compraz (já houve quem achasse o Marquês de Sade uma espécie de *neveu de Voltaire*...) em criar o vertiginoso encadeamento de calamidades que leva de roldão o herói, Cunegundes, o melhor dos castelos, o pobre Pangloss, o mundo inteiro (MATOS, 2001, p. 215, grifos do autor).

Ainda sobre o exposto no conto e de sua característica que tende para o romance (sem dele depender totalmente, mas direcionando os fatos conforme a busca e a investigação sobre as questões do otimismo que apenas mais tarde revelará a presença do pessimismo) nos deparamos aqui com a possibilidade de extrairmos após cada curto episódio dramático vivenciado pelo nosso personagem, uma aprendizagem e um crescimento tais que gradativamente desmistificam a ideia desse mundo como o melhor dos possíveis e revelam o caráter marcadamente sofrido da realidade.

Inúmeras são as situações conflitantes, muitos são os percalços que tanto Cândido quanto os seus companheiros de viagem testemunham a todo instante. É neste contexto que eles são direcionados a filosofar, a se perguntar o porque, qual a razão e o significado de tantas intempéries vividas.

Partindo dessa questão primordial, seguem seus destinos, mas já não tão otimistas desde quando se puseram nessa trajetória, pois o que se apresenta aos seus olhos e vidas eram as provas que continuamente recebiam da vida que se constituía numa sequência infundável de desgraças e males vindos de todos os lados.

Devido à capacidade de unir em uma mesma obra uma identidade de cunho literário e ao mesmo tempo filosófico, facilmente percebemos a diversidade de discussões e temáticas abordadas por Voltaire em *O Cândido*, como observa Otacílio Gomes da Silva Neto: “*O Cândido* talvez seja o conto mais conhecido de Voltaire. Nele estão impregnados alguns temas de sua filosofia, como: a questão do mal físico e do mal moral, a Providência, a concepção de natureza humana, a crítica da política e da religião, e a defesa da Tolerância [...]” (NETO, 2009, p. 2).

Dada a riqueza existente em suas entrelinhas e o campo de reflexão proposto pelo conto, as narrativas que encontramos neste conto superam o tempo e a história e se nos apresentam como a capacidade do homem de realizar, por si mesmo, o seu esclarecimento percebendo-se como um ser em posse de sua autonomia e consciente da existência do mal na realidade, mas decidido a trabalhar e construir uma existência mais humana e assim transformá-la positivamente. O processo não se efetua sem que haja no protagonista uma transformação e uma modificação no seu modo de pensar e conceber a vida gradativamente.

3. PASSAGEM DO OTIMISMO AO PESSIMISMO

Quando Cândido e os seus companheiros de viagem chegaram a um lugar que se assemelhava à um Oásis: El Dorado, os personagens experimentam o encanto e as surpresas de uma realidade verdadeiramente muito melhor que Vestfália, ainda assim prosseguem sua viagem, com o intuito de resgatar Cunegundes de suas aflições para, enfim, Cândido se casar com ela.

Podemos pontuar que o início do descrédito sobre o pensamento de Pangloss abre espaço para um processo de descoberta do mundo por parte do, até então, ingênuo Cândido, de fato concluímos que:

Por intermédio de Cândido Voltaire quer demonstrar (não nos interessa se de forma realista ou pessimista) uma visão de mundo desencantada. O desencantamento com a idéia do melhor dos mundos, dar-se-á, gradativamente, quando Cândido começa a conhecê-lo melhor. O resultado que vai se construindo não é nada animador para os que acreditam no otimismo da realidade [...] (NETO, 2009, p. 4-5).

Esse processo impacta diretamente a vida do personagem e o fará rejeitar a teoria otimista de seu antigo preceptor e reconhecer que, até então, estava mal direcionado em relação à realidade que não mascara a dor e o sofrimento humanos. Conforme observamos:

Cândido é ingênuo e distante da vida real, mas ele não é uma folha em branco, sua inabilidade com o mundo se deve à sua falta de experiência, mas é resultado principalmente da inadequação de Cândido ao mundo. Assim a pessoa responsável

pela inadequação de Cândido ao mundo é seu mestre, seu tutor: Pangloss (BRANDÃO, 2012, p. 169).

Destarte, o seguimento dos fatos negativos, males e sofrimentos fazem inevitavelmente que ele seja aprimorado, que caminhe ele mesmo por suas próprias certezas extraídas dessas experiências das mais nocivas e inesperadas, que aprenda ele mesmo a subsistir diante de uma realidade claramente sofrida e conflitante. Segundo Otacílio Gomes:

Mais maduro, Cândido ao vivenciar suas desgraças e ouvir as dos outros – aliás o livro é recheado de pessoas que contam suas desgraças – não se deixa mais levar por lições de ninguém. Desde sua saída do castelo ao beijar Cunegundes e ser dele expulso levando chutes no traseiro do barão, Cândido vai aprendendo por conta própria, que o mundo e as pessoas que o cercam são extremamente maldosas e hostis. Disso resulta numa gradativa ruptura entre discípulo e mestre (NETO, 2009, p. 4).

Um personagem surge na história e dá vida ao inverso do apresentado pelo preceptor Pangloss. Este personagem é Martinho, um sábio que foi escolhido e selecionado por meio de uma pesquisa um tanto quanto inusitada: das pessoas mais infelizes e de suas histórias e dramas, levadas apenas a partilhar suas infelicidades interessados pela oferta em dinheiro. O prêmio seria acompanhar Cândido em sua viagem e auxiliá-lo.

É por meio de Martinho que são feitas as críticas mais fortes a todo o otimismo proposto por Pangloss que, como já foi dito anteriormente, encarna, no romance de Voltaire, o pensamento defendido por Leibniz.

Melhor contraposto durante a história não há, como o que é realizado por esse sábio de peculiar contribuição a todo o enredo e discussão sobre o mal e, por fim, sobre os destinos tão desgraçados dos homens, em especial ao herói do conto.

Podemos conhecer, em algumas palavras, o pensamento defendido por Martinho, logo após ser selecionado, em um de seus primeiros diálogos com Cândido, onde expressa e se declara adepto à seita dos maniqueus, pois antes este fora questionado pelo nosso herói se estava possuído por um demônio:

Tanto se mete ele nas coisas deste mundo – respondeu Martinho –, que bem poderia estar no meu corpo, como em toda parte aliás. Mas confesso-lhe, que lançando o olhar sobre este globo,

ou antes, sobre este glóbulo, penso que Deus o abandonou a algum ser maléfico; excetuo contudo El Dorado. Nunca vi cidade que não desejasse a ruína da cidade vizinha, nem família que não quisesse exterminar alguma outra família. Por toda parte, os fracos abominam os poderosos perante os quais rejeitam, e os poderosos os tratam como rebanhos de que vendem a lã e a carne. Um milhão de assassinos arregimentados, correndo de um a outro extremo da Europa, exercem o morticínio e a pilhagem com toda a disciplina, porque não têm ofício mais honrado; e, nas cidades que parecem desfrutar da paz e onde florescem as artes, os homens são devorados de mais inveja, de mais cuidados e inquietações do que experimenta de flagelos uma cidade cercada pelo inimigo. Os pesares secretos são ainda mais cruéis do que as misérias públicas (VOLTAIRE, 2005, XX, p. 279-280).

O que vai aos poucos sendo apresentado, a Cândido, é a certeza de que El Dorado possa ter sido um sonho, uma utopia. Martinho mantinha-se sempre frio a todas as situações e conflitos existentes porque já não tinha mais nada que perder; diferente de Cândido que a tudo isso superava, porque era movido pelo desejo crescente de rever a sua amada Cunegundes, não importando quaisquer que fossem as condições.

Tendo chegado até aqui, o que é uma verdade incontestável é a certeza da existência do mal e de sua presença no mundo. Negar esse fato constitui uma grande negligência e temos a própria vida dos nossos personagens para reafirmar tal certeza. A partir de então, com todo o esforço empregado em sair de situações perigosas e pela constância dos eventos, rápidos e comprometedores, são levados a administrar muito bem o tempo e isto se torna possível por meio do trabalho: “[...] visto que o mal existe, que o mundo no qual vivemos é este e não o melhor dos possíveis, trata-se agora de saber como se pode viver nele, quer dizer, trata-se de formular a sabedoria que nos resta” (MATOS, 2011, p. 216).

É nesse processo de descoberta em que se encontra Cândido e, ampliando ainda mais o campo de nossa reflexão, encontramos a nós mesmos, pois na medida em que o otimismo que muitas vezes levantamos como uma vistosa bandeira é atingido pelo fogo das intempéries e tribulações naturais da vida, somos forçosamente levados a abstrair do mal que nos ocorre uma capacidade resiliente que nos faça subsistir e seguir adiante com nossos projetos e sonhos.

Existem alguns aspectos sobre a personalidade de nosso herói que realizam uma junção muito importante da obra e que também o é para as críticas presentes nessa época em questão:

[...] Cândido é tanto a crítica da metafísica – a denúncia de certa teoria que conduz à inação, que justifica o *status quo*, que é inefectiva em sua mensagem supostamente consoladora e muito distante da condição humana, e um elogio da vida ativa, do trabalho e da sociabilidade entre amigos. Contudo, quando consideramos a obra de Voltaire em seu conjunto, Cândido não apresenta uma posição definitiva de Voltaire de completo abandono da filosofia em favor do trabalho, o esquecimento de questões filosóficas em proveito da vida prática. Nem mesmo as questões metafísicas são abandonadas (BRANDÃO, 2012, p. 175).

Ele agrega e abarca, em si e em sua história, que se destaca por carregar o peso das experiências, ir desenvolvendo o seu próprio juízo e julgamento acerca do que vive, seja no campo de ação prática ou no campo intelectual e, assim, procedia ao passar por cima de tudo o que lhe acontecia e aos seus, pois no seu íntimo alimentava o forte desejo de se casar com Cunegundes.

Porém, a vida imprimiu marcas horríveis na vida e na face de Cunegundes, já não tão bela quanto antes fora aos olhos de Cândido, mas apesar de ter perdido a beleza exterior, por dentro ainda acreditava no amor que sentia por ele.

Dentre as sábias lições que são extraídas da obra, podemos considerar com apreço e admiração àquelas que deram novo rumo e estabilidade à Cândido, pois:

[...] *Candide* prefere combinar aquilo que dizem um dervixe e um ancião turcos, a cujas portas vão bater o herói e seus amigos. O dervixe diz: não se deve perder tempo com metafísica, é preciso se calar frente ao mal deste mundo. E o ancião (que, por sinal, cultiva os mais refinados prazeres da mesa): o trabalho afasta da gente três grandes males, o tédio, o vício, a carência. E Candide, por sua vez, conclui: é preciso cultivar nosso jardim, numa fórmula que provocou algumas controvérsias entre os estudiosos de Voltaire. Para simplificar, digamos que ela propõe uma regeneração do indivíduo mediante a natureza e o trabalho (MATOS, 2001, p. 217).

Essa regeneração aparece aqui como um novo curso vivido por Cândido, Cunegundes e todos os demais. Problematizar o mal em discussões já não mais conseguia excluir dele os aspectos naturalmente negativos que possui, pois “doenças e sofrimento físico são ordenados por algumas leis da natureza, mas o conhecimento não é suficiente para amenizar o sofrimento. [...]” (BRANDÃO, 2012, p. 174) e sim resignificar a própria vida, conforme os conselhos do ancião acima mencionado, de que o trabalho evita o tédio, o vício e a carência, sendo como que uma forma possível de atingir um justo equilíbrio entre as realidades de otimismo e pessimismo.

O dualismo que percorre a obra: otimismo e pessimismo, resultam no estado em que encontramos os personagens e onde se percebe o terreno fértil da indagação filosófica. Este dualismo afeta a própria vida humana, pois:

Diga o que quiser, faça o que fizer, pense o que pensar. Discutir se o mundo é bom ou ruim, para Cândido não importa. A desgraça faz parte da vida, não há como negá-la. Devemos aprender a suportá-la por meio do trabalho. O que nos chama a atenção no final do livro é que Cândido consegue tirar suas conclusões por si só. Isso é a autonomia, é esclarecimento. O choque entre as idéias de Cândido e Pangloss são intermediadas pelo mundo. Verdadeiro lugar do saber e da aprendizagem (NETO, 2009, p. 6).

88

Reformular suas vidas, estipular novas metas, foram de fato os caminhos percorridos por diversas pessoas desta época, que se viram condicionadas a realizar um processo de libertação por meio da reflexão que as obras dos críticos da religião e do *status quo* (estado atual) propunham esse tipo de reflexão. Nos encontramos, nesse dado momento do conto, com um herói notadamente oposto ao que encontramos no início de sua jornada: responsável por si mesmo, disposto a perseguir seus objetivos, autônomo e razoável, sendo possível definir de forma sintética que:

[...] Cândido é, por causa disso, o personagem iluminista por *excellence*, sua estória representa ao mesmo tempo a saída da menoridade e a entrada na história – lembremos: da vida hierarquizada do castelo, em que os personagens centrais são o

pai, o nobre, e o tutor, chegamos ao final do conto a uma relação mais igualitária entre amigos (BRANDÃO, 2012, p. 175, grifos do autor)

É sob essa perspectiva de esclarecimento e posicionamento racional que o pensamento voltairiano pretendia principiari e que, sem dúvida, transformaria o modo de conceber, enquanto sociedade, as forças de controle político e religioso.

Ao atribuir ao homem a sua capacidade de melhoramento de sua realidade e ao cultivar o seu jardim, ao compreender a importância do trabalho na sua vida e em sua trajetória, o homem marcha mais seguramente neste mundo. De acordo com Martins, notamos que:

Longe de despertar nossa sensibilidade, Voltaire prefere tocar nossa inteligência, ele não denuncia o horror da natureza, mas os absurdos provocados pelos homens. Cândido, no final das contas, é uma obra sedutora muito mais pelas suas simplificações, suas tomadas de partido, seus rancores, suas polêmicas, sua virtuosidade do que por seu conteúdo filosófico. Assim como ele havia feito em *Zadig*, ou sobre o destino (1747), continuado em *Micrômegas* (1752), ele realiza em Cândia o ideal do grande escritor: tratar de assuntos difíceis de modo divertido, controverso, sem se perder nas trilhas abertas: se a questão da Providência e do mal não podem ser sanados teoricamente, o homem não tem o direito de cair no fatalismo ou na inação. Cultivar o seu jardim, eis a exigência filosófica mais elevada (MARTINS, 2017, p. 6).

89

Convencido de seu papel de aprimorar a realidade pelo trabalho, o homem se percebe, agora, como agente primeiro e autônomo de si e de suas decisões, pois é sob a sua própria existência que dispõe para sobreviver e exercer sua filosofia.

No caso do referido conto há tantos outros de mesmo teor em que a tese aí defendida vai de encontro com as ideias estabelecidas pela religião e pelos poderes vigentes na época e que exerceram forte influência nas massas.

Assim sendo, trataremos de forma breve, a importância de outros contos voltairianos: *Zadig* ou o destino, e *O Ingênuo*, que possuem junto com *O Cândia*, grande relevância para a presente discussão.

4. *O INGÊNULO*

Inserido no mesmo campo de nossa argumentação e desempenhando um papel de importante pensamento, consideramos válido mencionar e brevemente discutirmos outro conto voltairiano: *O Ingênuo*.

Mas qual sua relação com *O Cândido*? Ambos possuem curtos capítulos e compartilham no seu conteúdo de conclusões que realizam críticas à sociedade da época, em especial ao cristianismo, à Igreja Católica, (aqui feitas de modo mais direto).

Ainda sobre o assunto (acerca de sua conversão e batismo ao catolicismo) dedicou-se veementemente na leitura da bíblia e por ela se orientava fielmente, tanto assim procedeu que elaborou questionamentos e encontrou grandes incoerências quando confrontava os textos da sagrada escritura com a doutrina recebida da igreja.

Em breve o Ingênuo sabia todo o livro de cor. Apresentava algumas vezes objeções que deixavam o prior com grandes dificuldades, obrigando-o a ir consultar o padre de St. Yves, o qual, não sabendo o que responder, mandou chamar um jesuíta bretão para completar a conversão do Ingênuo (VOLTAIRE, 2005, III, p. 389).

Acabo por apaixonar-se pela própria madrinha e, ao declarar sua paixão, é duramente refreado por tal atitude. Realizando mais críticas à discrepância que percebe entre a teoria e a prática cristã. Asseveramos tal verdade ao nos depararmos com esse trecho de um diálogo do nosso personagem com seu tio:

– Hom’essa meu tio! Deixe de brincadeira; por que há de ser proibido casar com a madrinha, quando ela é moça e é bonita? Não vi no livro que o senhor me deu que não ficasse bem desposar as moças que ajudam a gente a ser batizado. Todos os dias descubro que fazem uma infinidade de coisas que não estão no seu livro, e que nada fazem de tudo o que ele diz. Confesso-lhe que isso me espanta e aborrece [...] (VOLTAIRE, 2005, V, p. 395).

A sequência dos fatos o conduz, desnorteado, em um determinado momento da história, a participar de uma luta contra os ingleses, o que mais tarde resulta em sua prisão. Na condição de preso tem contato com um jansenista que realiza uma espécie de reformulação de seu pensamento, até então ingênuo, como seu nome indica.

Para libertá-lo de seu cárcere, a Sta. Yves, objeto de seu amor e espera, reúne todos os esforços possíveis para tal tarefa, só que as circunstâncias que encontra são tão trágicas e irracionais que ela se vê rendida a entregar-se aos caprichos e desejos carnis do Monsenhor de St. Pouange para conseguir a carta de soltura ao Ingênuo.

Por fim consegue, após ser abusada, conceder por esse feito, a liberdade do seu amado, que permanece desconfiado com o comportamento vacilante de Sta. Yves quando a reencontra, mas ainda assim muito felizes de terem se reunido novamente. O final trágico resulta na morte prematura da jovem Sta. Yves, causando imensa dor e consternação em todos e na aquisição de algumas riquezas. O conto desfruta de um lugar privilegiado na crítica que produz tanto à Igreja Católica como ao sistema político muito injusto que vigorava na época, quer ele ser antes instrumento contínuo de esclarecimento, desvelando a realidade não tão divina e muito menos justa que exerciam os poderes daquele e que também podemos notar no nosso tempo atual.

91

5. *ZADIG OU O DESTINO*

Neste conto deparamos com um outro escrito clássico e que portanto, merece destaque e relevância por parte dos escritos voltairianos: *Zadig ou o Destino*.

O personagem deste conto goza de sabedoria e inteligência tais que foram capazes de despertar a inveja e o ciúme em muita gente ao seu redor, sempre que demonstrava o quanto sabia, a vida lhe mostrava o quanto isso custava, mas o desenrolar da narrativa, vez ou outra, mostra o bônus de cada situação, vivendo portanto, momentos muito bons e momentos ruins, desse movimento se desdobrava seu destino.

Zadig procurava conhecer e estudar a natureza, pois assim agindo, conseguiria uma tranquilidade e estabilidades únicas.

O que ele não imaginava, era que esse mesmo conhecimento acerca da natureza, lhe traria muitos problemas e o colocaria, diversas vezes, em

desventuras das mais variadas. Chega a constatar em um certo ponto de sua vida:

Quatrocentas onças de ouro por causa da passagem de uma cadela! Condenado à decapitação por quatro maus versos em louvor do rei! Quase estrangulado porque a rainha tinha babuchas da cor do meu barrete! Reduzido à escravidão por haver socorrido uma mulher a quem espancavam! E prestes a ser queimado por ter salvo a vida de todas as viúvas arábes! (VOLTAIRE, 2005, XIII, p. 121).

O seu destino lhe reservou uma paixão que despertaria o ódio do rei a quem servia: apaixonou-se pela rainha. Desde a sua saída do reino e todas as desgraças vividas, a partir de então, suas diligências consistem em retornar ao convívio de sua paixão e ser, enfim, feliz. Em um significativo trecho da obra, *Zadig* se depara com homens de diversas religiões e os convence de que todos adoram, veneram, prestam culto a um mesmo Deus, conseguiu tal feito na demonstração de que toda matéria dependeria de um Ser que antes a tivesse modelado e criado. Estabelece, com esse tipo de argumentação, uma crítica à religião (em se tratando aqui da Igreja Católica) que sustenta a pretensão de guardar em si somente a verdade e a salvação.

O que constitui uma surpresa para *Zadig*, deriva do fato de que sempre que age correta e bondosamente, se encontra em desfechos em sua maioria nada bons e nada justos, mas era sustentado pela vontade de reencontrar com a rainha que o motivava a trilhar com coragem seu destino.

Um encontro com um Anjo o esclarece e justifica, como nenhum outro personagem o fez no enredo da história, a existência dos maus para exercer uma forma de prova aos que são bons. O pressuposto básico que sustenta *Zadig* pode ser assim enunciado: se tudo fosse mantido bom, aqui já seria a realização do mundo perfeito criado por um Ser supremo. O retorno à realidade que *Zadig* realiza, consistirá em continuar sua jornada em busca da rainha, enfrentando todas as consequências dessa empreita.

O conto se encerra de modo muito favorável à *Zadig* que reinou feliz com Astartéia (sua rainha) e governou como jamais alguém tinha governado, estabelecendo as virtudes do amor e da justiça.

6. CONCLUSÃO

Com certeza o problema e a discussão acerca do mal em nossas vidas, como gerou no passado fonte de inúmeras perguntas e questionamentos, por certo permanece ainda a instigar o ser humano que procura refletir sobre o sentido do sofrimento experimentado nesta terra. Porém, somente o falar sobre não satisfaz a necessidade que o homem carrega consigo mesmo de sobreviver.

Os três contos aqui referidos servem para nós de certo, sobre as diversas limitações que encontramos na nossa existência, frente ao mal e ao sofrimento. Destarte, é justamente nossa atitude (que deve ser um posicionamento firme e decidido) que na prática cotidiana possibilita uma melhoria gradativa da realidade, seja do ponto de vista social, religioso e político das relações humanas.

É certo que o homem continuará refletindo e questionando, mas nesse estado se encontrará mais capaz de passar pelos males da vida sem deles ser afetado de forma fatal, para que não seja tarde demais a decisão de cultivar o seu jardim, ou seja, pensar sobre o sentido de sua vida e suas responsabilidades. Além disso é preciso também realizar em si o exercício de repelir a ingenuidade, pois o processo da vida desmascara, continuamente, certa inocência. Sabermos, com o auxílio da filosofia, construir o destino que para almejamos e estabelecemos como meta. O esclarecimento perpassa por tais estágios certamente.

93

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Rodrigo. Como levar *Cândido* a sério ou caricatura literária e crítica da teodiceia em Voltaire. **Doispontos**, vol. 9, n. 3, dez. 2012, p. 163-177.

MARTINS, Jasson. **O *Cândido* de Voltaire (1759): o debate sobre o mal e a providência**. Vitória da Conquista: IFNV, 08/11/2017, 6p. Texto não publicado e não revisado.

MATOS, Franklin de. A moral do jardim (Sobre o *Candide*). In: _____. **O filósofo e o comediante: ensaios sobre a literatura e filosofia na ilustração**. Belo Horizonte: Ufmg, 2001, p. 214-218.

NETO, Otacílio Gomes da Silva. Cândido, Pangloss e a questão do *meilleur des mondes*: uma interpretação filosófico-literária da obra *Cândido ou O Otimismo*. **Anais do IV Colóquio Internacional Cidadania Cultural**, 22, 23 e 24 de setembro de 2009. Campina Grande, EDUEPB, 2009, p. 1-7.

VOLTAIRE, François-Marie Arouet. Cândido, ou o otimismo. In: _____. **Contos e novelas**. 5 ed. São Paulo: Globo, 2005, p. 223-316.

_____. O ingênuo. In: _____. **Contos e novelas**. 5 ed. São Paulo: Globo, 2005, p. 375-440.

_____. Zadig ou o destino. In: _____. **Contos e novelas**. 5 ed. São Paulo: Globo, 2005, p. 81-151.



Rodrigo Oliveira Silva

<http://lattes.cnpq.br/0071707573946343>